

A FORMAÇÃO DA PEDAGOGA À LUZ DAS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DA ARTE

Luiza Zambon Baiotto¹

Maria Regina Johann²

A sociedade na qual estamos inseridos exige funções técnico-práticas para qualquer assunto abordado na escola, requer a formação de indivíduos capazes de serem inseridos na sociedade, em condições de atuar conforme as demandas de cada tempo. Quando na verdade a instituição escolar deve ocupar-se de mediar o conhecimento, gerando a constituição de sujeitos, qualificados a pensarem com suas próprias ideias, a refletirem, a formarem-se eticamente, e um dos modos de auxiliar para esta construção é através da Arte, como explica Johann (2021, p. 37): “[...] a arte nos enlaça e exige uma posição, e, diante dela, nossa visão de mundo modifica-se ou se amplia [...]”.

Os esforços aqui empreendidos são resultados de um estudo desenvolvido na disciplina de Artes na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de um curso de Pedagogia. Envolveu pesquisas bibliográficas e discussões sobre a temática arte na educação, com ênfase na educação estética e na compreensão da Arte dotada de sentido em si própria, sem utilizar-se da mesma como ferramenta e ou instrumento, mas, sim, como linguagem, entendida aqui como essencial para a formação de educadoras capazes e preocupadas com a constituição do “ser poético”. O objetivo deste trabalho é evidenciar que a arte é uma linguagem constituidora do mundo humano, compõe o vasto universo das linguagens que mobilizamos para comunicar, expressar e compreender visões de mundo. Neste sentido, ela se justifica como uma presença significativa no tempo/espaço da educação básica, especialmente para as crianças que mobilizam a linguagem gráfico-plástica para manifestar saberes e mundo imaginários.

A Arte é uma atividade humana com fim em si mesma, ou seja, não precisa ter serventia ou finalidade prática. Com essa afirmação, Johann (2021), justifica que “Sua finalidade não é o museu ou a galeria de arte, mas, sim, estar entre nós, compondo o grande universo das manifestações culturais” (2021, p. 39), por isso, a arte precisa estar na escola, ocupando seu espaço de direito, sendo vista com todo seu significado e não como ferramenta pedagógica. Necessita estar além dos registros das marcas gráficas, como habitualmente é vista, pois não se

¹ Graduanda do curso de Pedagogia (Unijui). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Estagiária na Escola Municipal Fundamental Pedro Costa Beber (Município de Bozano/RS): E-mail: luiza.baiotto@sou.unijui.edu.br.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijui e dos cursos de licenciatura. Desenvolve pesquisas na área da infância, da educação ético-estética e da hermenêutica filosófica. E-mail: maria.johann@sou.unijui.edu.br.

finda somente nisso, porque também está presente nos sons, movimentos, no próprio brincar, uma vez que a Arte é uma enriquecedora forma de linguagem.

Diante do exposto, podemos dizer que a linguagem da arte é fundamental para constituir uma totalidade de linguagens, e também, como afirma Luciana Esmeralda Ostetto (2007), enriquecer um “ser poético”, que é a criança. É preciso apresentar desafios, de acordo com a capacidade de cada criança, a fim de ajudá-la desde a Educação Infantil, a mergulhar no desconhecido, a buscar diferentes formas de responder uma mesma questão, como explica Ostetto (2007, p. 04): “A forma de conhecer dos artistas é inspiradora, pois eles veem o mundo com olhar de espanto, buscam o novo, admitem o estranho”.

Para sermos educadoras capacitadas para mediar, com qualidade, o processo de constituição de cada “ser poético”, é necessário um aprofundamento do nosso próprio ser poético, ter cuidado e respeito com nossa educação artística e estética, ouvindo, refletindo, observando e expressando-se de maneira enriquecedora. Isso diz respeito ao cuidado de si, que faz parte do modo como cada pedagoga investe na sua formação, desde o que lê, aprecia, frui e cultiva. Esta noção considera que o repertório pessoal da educadora e/ou pessoa referência das crianças é o âmbito acerca do qual ela testemunha às crianças o que sabe e aprecia acerca da arte.

Frequentemente repetimos o dito popular de que “Gosto não se discute”, a partir disso devemos refletir e questionar, até qual ponto este assunto não pode ser discutido, afinal é preciso haver um refinamento estético e artístico para sermos educadoras que oferecem às crianças a Arte de forma contextualizada, sem ser um amontoado de “trabalhinhos”, sem qualquer intencionalidade pedagógica, que não vai além do olhar para o produto final exigido, muitas vezes, estereotipado. É fundamental não se deixar restringir tanto pelo currículo - que exige uma corrida contra o tempo dentro das salas de referência da educação infantil e acaba perdendo a “[...] calma que acolhe a imaginação, o sonho, a criação.” (Ostetto, p. 07, 2007), acelerando um tempo precioso, que precisa ser aproveitado com a invenção, a criação, a imaginação e o fazer artístico das crianças - quanto pelo pela ânsia de mostrar à comunidade escolar, um produto. Deste ponto de vista, o gosto é educado e a sensibilidade pode ser desenvolvida, conforme sugere Ostetto:

[...] Se não for disponibilizado um repertório diversificado, com constância, permitindo o contato, chamando ao encontro [...]. Para que a escolha se faça, é imprescindível disponibilizar acervos que, como dizíamos, ampliem as relações das crianças com o universo artístico-cultural e, com isso, ampliem suas possibilidades de criação. (Ostetto, p. 07, 2007).

Na perspectiva de Ostetto, a pedagoga Franciele Strohhecker (2021), alerta para a necessidade de fomentar os múltiplos interesses às crianças; sobre ofertar uma gama de possibilidades para que a criança desenvolva o interesse a partir do acesso a diversos conhecimentos, pois é mediante um repertório qualificado que a criança tem oportunidade de interessar-se mais. Da mesma forma ocorre o refinamento artístico e estético do sujeito escolar.

Muitas vezes, do ponto de vista educacional, esquece-se que a corporeidade, expressa pela criança nos movimentos, brincadeiras e jogos, também compõem o universo artístico. E, na contramão disso, mantêm-se modelos e ideias padronizadas, que ensinam a criança como brincar e jogar (jogo de faz de conta, por exemplo), ocupando-se de mostrar que se está “trabalhando”, mas, nesse caso, perde-se a oportunidade de desenvolver dimensões essenciais para as crianças, como a interação, a socialização, a exploração, a criatividade e também a coordenação motora.

Devemos sempre recordar, que a criança não é um ser dotado de apenas uma linguagem, se queremos desenvolver e criar habilidades e atitudes em nossas crianças, necessitamos mobilizar as linguagens como um todo, atentando-se para a construção do sentido e do significado, no âmbito simbólico-cultural.

A partir de uma conversa entre Renata Meirelles e Severino Antônio - disponibilizada no programa televisivo Café Filosófico, promovido pela TV Cultura (2019), intitulada “A importância do brincar”, é possível fazer inúmeras reflexões e problematizações sobre os movimentos, a exploração do corpo e do espaço, a partir do brincar. As crianças mobilizam seu corpo para descobrirem o mundo e para conhecerem um determinado objeto, potencializam todos os sentidos.

Mencionando o neurobiólogo chileno, Humberto Maturana, Meirelles (2019) expressa que devemos incentivar muito mais a autonomia da criança, construída em conjunto ao “ser poético”, e muito atrelada à Arte, que apropria-se de inúmeras linguagens para seu fazer pedagógico, do que a sua felicidade, afinal estar feliz ou não é relativo, mas ter e conquistar autonomia não; por meio dela podemos buscar viver momentos felizes. Com autonomia, as crianças descobrem uma série de possibilidades, quando bem mediadas pelas educadoras e através da multiplicidade de interesses descobrem um interesse único.

Antônio (2019) explica que o brincar é primordial! Enquanto a criança brinca ela está sendo, está imaginando um mundo dentro de muitos outros e, assim, constituindo-se enquanto sujeito e ser poético, dotado de habilidades para pensar, refletir e criticar o que não lhe agrada. O papel do educador está em oferecer às crianças, via o planejamento, o tempo/espaço

necessário para que possam constituir-se e aprenderem através da própria experimentação e criação, ainda, de acordo com Antônio (2019), o espaço mais importante que a escola pode oferecer, especialmente à Educação Infantil, é o voltado para o brincar.

O melhor meio para instigar a imaginação e a criatividade, bem como, desenvolver outras habilidades nas crianças, é através do brincar. Essa dimensão lúdica, se dá em relação à disponibilização de objetos não estruturados, relacionando-se, segundo Antônio (2019), com linguagens universais: o fazer de conta e o fazer do novo, é através dos começos e recomeços que a criança aprende a confiar no mundo. Neste sentido, “o brincar heurístico é um recurso contemporâneo importantíssimo para educação, pois rompe com o trivial, [...], para dar lugar ao lúdico mais funcional e próximo à realidade da criança.” (Novais; Franco, 2022, p. 02). Diante disso, podemos inferir que é necessário diversificar o que se oferece às crianças, tanto os materiais estruturados quanto os não estruturados permitem relações importantes para o desenvolvimento infantil, pois no jogo imaginativo a criança investe na imaginação e na exploração das possibilidades que o material oportuniza para resolver as suas próprias necessidades.

A educadora ao desenvolver a linguagem das Artes com sua turma, tem o dever de fornecer às crianças, um percurso de vivências estéticas e exploratórias, que considera as realidades infantis, pois é preciso haver um sentido artístico, que as crianças consigam vincular ao cotidiano, sem fazer por fazer, em busca apenas do resultado final, “de encher a pasta” com atividades, como, ocasionalmente, ocorre. Retornando à Luciana Ostetto (2007), destacamos a necessidade do tempo e o cuidado em relação aos materiais para que as crianças explorem potenciais estéticos. Diante disso, a educadora pode considerar e respeitar o processo individual de cada um, para que a Arte seja vivenciada e sentida pelas crianças em seu sentido mais puro.

Encaminhando a reflexão para sua finalização, destacamos que a qualidade dos tempos/espacos, dos materiais e dos artefatos oportunizados às crianças na escola da educação infantil, passa pelo olhar sensível e exigente da educadora. Também, diz respeito a sua capacidade de ser autora de um percurso formativo no horizonte da arte e da formação estética, sendo que para isso a formação inicial precisa apresentar o patrimônio artístico como um repertório e um saber relevante à pedagoga.

Em busca da formação do sujeito e do ser poético, a Arte apresenta-se na educação infantil, como linguagem de múltiplas expressões e significados. Cabe à educadora fornecer às crianças um amplo repertório cultural e artístico, oferecendo uma grande variedade de possibilidades, para que ocorra a construção do sujeito a partir das próprias atitudes

protagonistas da criança. Pensar sobre o referido tema, retrata a importância de ser uma educadora com consciência do impacto e da responsabilidade que nos acomete a cada troca diária e cotidiana com as crianças, que permeiam nossa prática pedagógica, afinal, estamos ajudando na construção de sujeitos, e nossa forma de abordagem interfere diretamente na formação das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Vivência artística. Linguagem da Arte. Formação da Pedagoga.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, S. MEIRELLES, R.. A importância do Brincar – Renata Meirelles e Severino Antônio. **Café Filosófico CPFL**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tc136kEbQc&ab_channel=Caf%C3%A9Filos%C3%B3ficoCPFL>. Acesso em jun. 2023.

BOUFLEUER, J. P.; STROHHECKER, F. S. A.. Instrução educativa e interesse múltiplo em Herbart: aproximações com a formação do sujeito ético em Foucault. **Passo Fundo: Espaço Pedagógico**, 2021. Acesso em jun. 2023.

JOHANN, Maria Regina. A inutilidade da arte e sua potencialidade para a educação: abertura e iluminação. In: Albertina Lima de Oliveira, Jenerton Arlan Schütz, Marco Antônio Franco do Amaral. (Org.). *Vozes da educação: pesquisas e escritas contemporâneas*. 1ed. Cruz Alta: **Ilustração**, 2021, v. 1, p. 74. Acesso em jun. 2023.

OLIVEIRA, A. SHÜTZ, J. AMARAL, M. *Vozes da educação: Pesquisas e Escritas Contemporâneas*. Volume 2. Cruz Alta; **Ilustração**, 2021. Acesso em jun. 2023.

OSTETTO, L. E.. *Educação Infantil e Arte: Sentidos e Práticas Possíveis*. São Paulo; **Unesp**, 2007. Acesso em jun. 2023.

NOVAIS, S. S.; FRANCO, S. C. D.. 2022. Brincar Heurístico: Aprendizagem lúdica, livre e significativa na Educação Infantil. **Revista Panorâmica**. Acesso em jun. 2023.